

## Freud, as energias psíquicas e a educação entre “a *Scylla* do deixar fazer e a *Charybidis* da proibição”

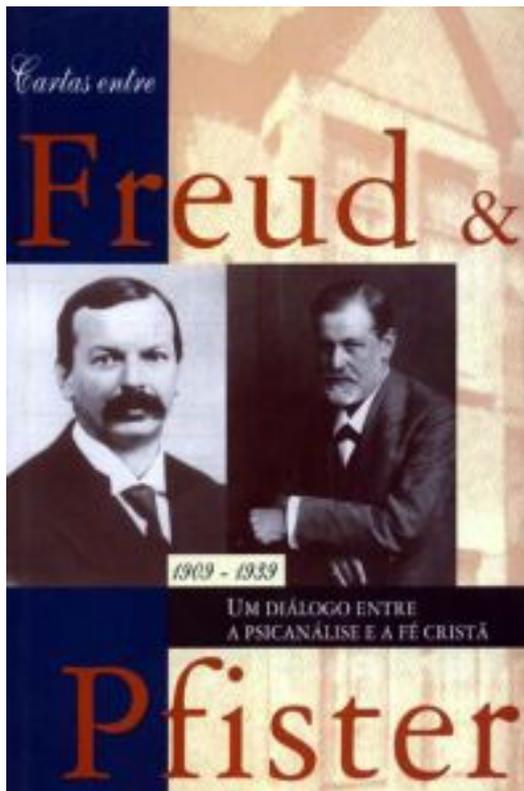
Sergio Sklar \*

**Resumo:** Apresentamos três eixos que podem nos levar a entender o encontro de Freud com a educação. Inicialmente, a teoria e prática da educação infantil, em seguida, o valor que os educadores devem dar à participação de dimensões perversas e associadas no acabamento do caráter infantil por meio da sublimação – desvios dos fins originários das pulsões – e, por último, a maior responsabilidade que se atribui à atividade do educador, se comparada com a do psicanalista, na medida em que ela deve moldar a jovem vida psíquica de acordo com “disposições e possibilidades particulares” ao mundo do educando. Em torno deles, descobrimos como a educação, aos olhos da psicanálise, deve lidar com forças psíquicas, para a realização do que se torna seu maior desafio: assimilar o que Freud nomeia “a *Scylla* do deixar fazer e a *Charybidis* da proibição”.

**Palavras-chave:** Psicanálise; Educação; Energias psíquicas; Freud; Pfister.



\* **SERGIO SKLAR** é Doutor em Filosofia (USP), Professor-Adjunto do Departamento de Estudos da Subjetividade Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Faculdade de Educação-DESF-UERJ), Membro da Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (Paris). Autor dos seguintes livros: "Espaço Imanente: um estudo psicanalítico sobre a arte em Sigmund Freud e Jacques Lacan" (Rio de Janeiro: Imago, 1989), "Freud e a Técnica" (Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992) e "Freud: o interesse científico de uma filosofia inquieta" (org. e autor) (Rio de Janeiro: Revinter, 1996).



### 1. Psicanálise e educação: três perspectivas

Freud não deixou de dar um testemunho vivo das resistências que sofreu em textos histórico-biográficos como a *História do Movimento Psicanalítico* (FREUD, 1991b) e a *Autobiografia* (FREUD, 1991c). Poucos acreditaram em seu êxito, menos ainda na expansão da psicanálise. Mesmo assim ela cresceu no meio científico, estabelecendo importantes ramificações e interfaces. Marcada por um conjunto de “relações inesperadas” (FREUD, 1996, p. 391), segundo os termos de seu criador, a investigação psicanalítica detectou a precedência de processos psicológicos que poderiam servir de base para um melhor entendimento do que ocorria em várias áreas do conhecimento. E no caminho de suas súbitas e imprevisíveis confluências, deparou-se com a educação.

Preenchendo este encontro, o longo intercâmbio entre Freud e o pedagogo-

teólogo suíço Oskar Pfister (1873-1856) nos surpreende pela extensão. Ele vai de 1909 a 1938, incluindo, entre várias menções na obra, 134 manuscritos (100 cartas editadas sem cortes, postais, telegramas) e um prefácio de Freud ao livro de Pfister, *O método psicanalítico: uma exposição empírico-sistemática* (1991a, p.448-450), em que o apego às idéias freudianas segue *pari passu* o olhar da psicanálise para a educação. Mas se sua abrangência é nítida, o mesmo não ocorre com o conjunto de questões ali colocado; o sentido de uma “psicanálise pedagógica” só é alcançado pelo viés de uma configuração que harmoniza todas as referências contempladas, à semelhança de uma música que ordena suas notas. Realçada com efeito na obra, uma harmonia *musical* deste tipo deixa ali um rastro bem visível: conseguimos acessá-la se equacionamos três grandes perspectivas na aproximação das duas áreas.

Voltando a 1925 e relendo o prefácio formulado por Freud para o livro que trata da influência educadora em menores desamparados de August Aichorn, então presidente do Instituto Psicanalítico de Viena, nossa melodia começa, ao encontrar seu primeiro compasso melódico-conceitual. Freud avista um dos muitos segredos da sua investigação, quando afirma (1991d, p.565) que “de todas as aplicações que a psicanálise teve, nenhuma despertou tanto interesse, nem inspirou tantas esperanças, atraindo conseqüentemente tantos colaboradores capazes, como a teoria e a prática da educação infantil”. Insistindo no mesmo tema, numa volta sobre seus próprios passos, ele assinala em 1933 que o desenvolvimento infantil tocava na “mais importante das atividades concernentes à psicanálise: (...) a educação de gerações vindouras” (FREUD, 1991e, p.157). Como idéia que floresce e ganha forma neste último

texto, ele acentua que um olhar psicanalítico sobre a pedagogia lide com uma correspondência direta entre necessidades biológicas, sob exigências de impulsos ou pulsões, e imposições sociais que adaptam o homem à vida prática.

A música ganha mais forma e harmonia, ao considerarmos o mau uso dos meios educacionais e o adocimento psicológico que causa pela perda do rendimento e gozo psíquicos. Por este segundo compasso teórico, reexaminamos um dos passos de Freud em 1913, direcionado para as linhas-mestras do interesse pedagógico da psicanálise. Neste momento, ele se convence de que a má utilização educacional poderia ser corrigida, se os pedagogos estivessem atentos à participação de facetas perversas e associas no acabamento do caráter infantil através da sublimação – processo psicanalítico em que as pulsões são desviadas de seus fins originários para propósitos elevados ou virtuosos. Sob a chancela desta correção, ele revê os fins educacionais concentrados na mudança comportamental dos educandos, pois, conforme comprovava sua atividade clínica, as disposições comportamentais recheavam-se de impulsos ou energias. Da ponderação destas tendências, ele sugere que o conjunto de energias no psiquismo poderia servir de base para uma profilaxia situada no centro da ação pedagógica contra o desenvolvimento individual das neuroses.

Terceira perspectiva, finalmente. Freud acentua que o educador teria sobre si uma maior carga de responsabilidade que o analista, pois

(...) o médico [isto é, o psicanalista] deve agir regularmente sobre formações psíquicas já estabelecidas, rígidas, encontrando

na individualidade acabada do doente um limite à sua própria atividade, mas, também, uma garantia para a independência do paciente. Já o educador trabalha com um material plástico, acessível a qualquer impressão, e deve se impor o compromisso de não plasmar a jovem vida psíquica de acordo com seus próprios ideais pessoais, mas deve antes moldá-la às disposições e possibilidades particulares do objeto (FREUD, 1991a, p.450).

Compassando nossa marcha segundo a cadência estabelecida pela junção destes três degraus teóricos, nossa melodia se completa. Em torno da conexão infância-educação, da importância de impulsos e energias na base das disposições comportamentais e do compromisso em adequar o mundo psíquico ao que é particular, adentramos no que foi nomeado em 1920 por Pfister de “psicanálise pedagógica” (*Pädanalyse*) (FREUD, PFISTER, 1980, p. 80). De sua figura, aliás, verificamos que o recurso à música já acompanha Freud nos passos que o encaminham para o fértil universo formador da educação, lembrando a imagem que fez do amigo – também teólogo, além de pedagogo – não apenas como um “santo homem, mas certo flautista de Hamelin, que só precisava tocar seu instrumento para ter uma multidão de partidários atrás de si” (FREUD, PFISTER, 1980, p.10). Agora ele próprio se converte num músico que se inspira das notas formadas pelas suas mais instigantes ponderações; e é dos ecos da música que consegue criar, conforme veremos a seguir, que repensamos de que forma a psicanálise pontua um dos grandes entraves psíquicos que abrange diretamente a ação pedagógica, com o qual a educação tem que lidar.

## 2. A educação infantil e a força insubordinável das pulsões

No início do prefácio ao livro de Aichorn, Freud ressalta o recorte teórico que acolhe suas maiores preocupações em 1925. As características psíquicas da infância prendiam sua atenção, pois começavam a se impor sobre as neuroses, cujo estudo a psicanálise empreendera durante muitos anos. Percorrendo cada vez mais pormenores da infância, suas inquietações sobre o que ocorria no mundo psíquico ganhavam um novo fôlego teórico, descobrindo que tanto para o doente quanto para o sonhante e o artista “a criança pouco se modifica na medida em que continua viva” (FREUD, 1991d, p.565). Ele não duvidava que isto ocorresse pelo influxo de energias pulsionais e tendências ao longo do desenvolvimento psicológico. Por este caminho, conseguia enxergar que os processos psíquicos passavam a ser determinantes da infância à maturidade, destacando aí a atividade pedagógica que tenta proteger a criança de seus erros, no caminho que toma em direção à fase adulta. Os efeitos da ação educacional se impunham no quadro desta reflexão, justificando os méritos que apontara no trabalho de Aichorn, por se ocupar com a influência educadora em menores desamparados e o embasamento que encontrou em diversas formulações da psicanálise.

O alto apreço ao elo infância-educação reaparece no discurso freudiano em 1933.

Freud engrandece o trabalho efetuado por sua filha Anna a este respeito, salientando como as características psíquicas infantis foram decisivas para que se aproximasse da pedagogia. Envolvido com a análise dos adultos, sua atenção recaía nas circunstâncias dos primeiros cinco anos de vida;

destacada neste período, a sexualidade tornava-se significativa para a maturidade, ao sinalizar a incidência de fortes impressões sobre um ego imaturo e débil, associadas quase sempre a traumas. E ao indicar como estas primeiras vivências podiam se fixar ao longo do desenvolvimento humano, Freud descortinava os grandes obstáculos psíquicos da idade pueril, abrangendo numa vertente a atuação educacional, quando afirma (1991e, p. 158):

Compreendemos que a dificuldade da infância reside no fato de que a criança deva assimilar, em um breve período de tempo, os resultados de um desenvolvimento cultural que se estende através de milênios inteiros, o controle das pulsões, a adaptação social (...). Só uma parte desta transformação a criança pode alcançar por meio de seu próprio desenvolvimento; o resto deve ser imposto a ela pela educação.

Movido pela dificuldade mencionada, ele não teve maiores dúvidas em analisar crianças propensas ao adoecimento neurótico. Os riscos de insucesso nesta nova progressão teórica foram compensados por ganhos significativos. Em acréscimo, reforçaram suas suspeitas de que a educação não cumpria devidamente seus fins, por acarretar com frequência graves danos psicológicos; mas mostrava-se promissora ao lado da psicanálise, conforme assinala, pois conseguia proteger a criança de traumas acidentais encontrados na raiz das neuroses. Este olhar para o futuro não perdia, no entanto, um achado do passado sobre a mola do suceder psíquico: a intensidade das pulsões. Freud esbarrava em uma faceta quantitativa ou energética ao conceber uma “psicanálise pedagógica”,

chegando a considerar prioritário um olhar mais atento sobre a força pulsional para um melhor esclarecimento do que atuava psiquicamente na criança. Ele revia deste modo o conflito entre as aspirações humanas e as exigências sociais dominantes, criticando a ação educacional no que dizia respeito aos impactos psicológicos causados pelas instituições civilizadas, por serem, segundo acreditava, focos de neuroses.

A perspectiva que assume, então, tem um propósito bastante claro, se prestamos atenção ao comentário que tece, ainda neste mesmo período, à força insubordinável das pulsões. Em torno dela, como afirma, a atividade pedagógica encontraria seus dois maiores perigos, sua *Scylla* e *Charybdis*, em referência aos dois monstros da mitologia que teriam habitado os lados opostos do estreito de Messina, realçando os perigos da navegação perto de rochas e redemoinhos, sob a idéia de que (1991e, p.160) “a educação tem que buscar seu caminho entre a *Scylla* do deixar fazer e a *Charybdis* da proibição”. Ou seja, chegando ao limite do possível – sentido das referências –, entre os perigos que os homens encontram ao não reconhecerem quaisquer limites para seus atos e a perda da capacidade de deliberação pela submissão às proibições, a educação deve achar uma via humana em que realize o máximo e prejudique o mínimo. Para isto, ela deve ser capaz de decidir em que medida, quando e com que meios as proibições são possíveis, ou, em termos psicológicos,

(...) identificar a característica constitucional da criança, perceber, por pequenos indícios, o que acontece em sua incompleta vida anímica, atribuir-lhe uma correta medida de amor e conservar uma

parte de autoridade eficaz (...)”  
(FREUD, 1991e, p. 161).

Torna-se claro que a ação educacional discrimina as características constitucionais infantis, na medida em que descobre como impulsos se colocam na raiz das tendências humanas comportamentais e firma simultaneamente o propósito de ensinar ou educar o homem a adequar suas ações e decisões ao que subjaz a certas restrições. Mas esta ênfase às energias psíquicas não era nova no discurso freudiano. Exatos vinte anos antes, ao examinar com profundidade em 1913 as interfaces projetadas pelo seu discurso, Freud já avistava o contato do educador com forças psíquicas que movem disposições comportamentais. De um teor marcadamente amplo e sugestivo, esta correspondência nos confronta a indagar se a verdadeira face do processo educativo, aos olhos da psicanálise, seria desvelada apenas quando admitíssemos variáveis quantitativo-energéticas na atividade de formação humana própria da educação. O educar, afinal, teria como condição-base a conexão com fontes de energia no psiquismo? Posicionando-se de modo decisivo na leitura que estamos fazendo, a resolução deste dilema nos leva a compreender em síntese qual é o maior entrave psíquico, alçado pela investigação psicanalítica, para o êxito da ação educacional. Como podemos apreender desta indicação, o valor desta discussão não nos exime de seu aprofundamento necessário: pela importância que adquire no arremate de uma “psicanálise pedagógica” na teoria freudiana, a ele nos dirigimos neste momento.

### 3. O interesse pedagógico da psicanálise

Voltamos a 1913.

Freud revê seus próprios passos e descobre que a extensão do que investigava o empurrava dos campos da psiquiatria e da medicina para áreas distintas de conhecimento, ao flutuar entre as doenças nervosas e domínios não-médicos. A reflexão sobre esta proximidade dá ocasião para que examine que ramificações permeiam seu discurso, impulsionando o surgimento de um texto específico, a este respeito, intitulado: *O Interesse da Psicanálise* (FREUD, 1996). Num de seus capítulos, selando uma das aplicações da psicanálise, a teoria freudiana acessa o mundo da pedagogia.

Esta conexão está condicionada ao acolhimento de um aspecto incontestável: o reconhecimento do educador deve ser pensado na proporção de seu talento para penetrar na psiquê infantil. Os termos são bem claros e merecem ser relidos:

As considerações importantes da psicanálise para o ensinamento da educação apóiam-se em uma afirmação utilizada com evidência. Só pode ser educador quem se encontra capacitado para infundir-se na alma pueril, e nós, adultos, não compreendemos a infância, porque não conseguimos entendê-la em nós mesmos. Nossa amnésia, a este respeito, é uma prova de quão estranhos ao mundo infantil chegamos a ser (FREUD: 1996, p. 419).

Como se vê, a psicanálise preenchia uma importante lacuna no que concerne ao desenvolvimento psíquico, pontuando o que diferencia e distancia o mundo adulto da infância. Mas de que modo estas diferenças deveriam ser analiticamente pensadas? A resposta é

direta: sob processos da sexualidade, rodeados de desejos e formações intelectuais, que estão na raiz do desenvolvimento infantil. Entre eles, o complexo de Édipo – conjunto de desejos amorosos que a criança direciona para os pais –, o narcisismo – investimento de amor para si mesmo –, as disposições perversas – manifestações brutas, não-recalcadas da sexualidade infantil –, e o erotismo anal – modo de satisfação ligado ao ânus.

Mesclando desejos, investimentos de amor e um tipo de prazer, conforme Freud assinala em seguida, os educadores reconsiderariam seus princípios teóricos, reconciliando-se com determinadas fases pueris. Neste sentido, teriam maior clareza do valor de “moções pulsionais perversas e associadas” (FREUD, 1996, p. 419) presentes na infância. Prometia-se uma nova perspectiva: os impulsos seriam tratados sob influxos, não-controlados, vistos em sua transparência. Deste modo, a educação não precisaria temer o encontro com tendências infantis não normais, não devendo reprimí-las, como sempre o fizera.

A psicanálise trazia, assim, uma dupla contribuição. De um lado, ela indicava que uma repressão do que é perverso e associado na infância abria uma porta direta para o adoecimento neurótico; de outro, pela consideração a estas tendências, ela encontrava a possibilidade de se obter novos e valiosos fins psíquicos no comportamento da criança. As pulsões perversas e associadas poderiam ser canalizadas para propósitos diferentes daqueles em torno dos quais se destinavam originariamente – já que seu elemento propulsor reside na força da pulsão sexual –, chegando a encontrar novos alvos seja na atividade artística

ou na investigação intelectual. O educador se renderia ao fato de que “nossas melhores virtudes cresceram, sob a forma de reações e sublimações, sobre o terreno das piores disposições” (FREUD, 1996, p.420). Da precedência destas últimas, segundo o que Freud assinala mais adiante (1996, p.420), “a educação deveria evitar, por precaução, soterrar as preciosas fontes de energia [...] e limitar-se a impulsionar os processos por meio dos quais são dirigidas tais energias por bons caminhos”, podendo se tornar assim num poderoso meio profilático contra o desenvolvimento individual das neuroses.

Torna-se inegável que um tipo de abordagem energética já esteja presente nos passos dados por Freud em 1913. Ele pondera que se o educador lida com a formação humana, plasmando com formas a vida dos educandos, a ação educacional abrangeria também a não-assimilação na mente de idéias ou representações, considerando-se a persistência de dimensões não-formais, energéticas e, por isto, indomáveis na psiquê. Mas se esta dimensão inassimilável torna-se um dos pilares em torno do qual a ação educacional vai encontrar novos alvos para o ser em formação é porque ela já havia assumido uma função semelhante na estruturação das patologias, tal como revelava a clínica psicanalítica. Freud toca claramente nesta flutuação pelas duas áreas neste mesmo ano de 1913, ao prefaciar o livro de Pfister *O método psicanalítico* e afirmar (1991a, p. 449):

Sabemos que os sintomas patológicos são, muitas vezes, apenas formações substitutivas de tendências ruins, ou inúteis, cujas condições se estabelecem nos anos infantis, juvenis – precisamente na época em que o ser humano é objeto de educação –, mas

aparecendo, como doenças, efetivamente, na juventude ou em uma época ulterior de vida.

Daí, de acordo com o que conclui logo a seguir, “a educação e a terapia se encontram numa relação evidente entre si” (*Ibidem*). Refletindo sobre esta confluência, ele vai tocar no que é próprio da educação: prevenir que disposições e tendências infantis se convertam em comportamentos perniciosos para os indivíduos e a sociedade. E quanto à terapia psicanalítica: agir sobre disposições já desencadeadas sob a forma de sintomas. Ou uma psicoprofilaxia, ou uma correção do que psiquicamente foi mal-formado; em ambas, as energias persistiriam no centro das disposições. Amparado justamente por estas duas evidências, Freud vislumbra quais seriam os verdadeiros fins da educação; e ao se dispor a elucidar estes últimos, suas indagações sobre a proximidade de seu discurso com o universo pedagógico vão encontrar finalmente o caminho de um acabamento possível.

#### 4. O prefácio a Pfister

Erguido sob o impacto inovador do método psicanalítico para a compreensão de fenômenos e processos estudados por áreas diversas do conhecimento, o livro de Pfister incide nos avanços oferecidos pela teoria freudiana à educação. Numa carta ao amigo, no mesmo ano de edição do texto que se tornou o primeiro volume do *Pädagogium* de Oskar Messmer (1878-1950), Freud assinala que a obra reforçava a inserção de *direito* dos pedagogos no campo próprio de investigação psicanalítica com as seguintes palavras:

Caro Doutor,

Os maiores agradecimentos, pela sua saudação do novo ano. Já que nós observamos datas importantes,

permita-me também desejar ao Senhor que seu trabalho estimule ainda neste ano uma conclusão.

O Senhor e Mesmer ficarão contentes pela determinação com a qual quero defender o direito dos pedagogos pela análise (FREUD: 1980, p. 59).

O que mais chama sua atenção são os laços de proximidade entre o trabalho analítico e a educação. Mas, apesar deste estreitamento das duas áreas, não deixa de pontuar como se torna visível, do ponto de vista psíquico, uma pequena diferença na ação educacional e na intervenção analítico-clínica. Ele parte da idéia de que o maior objetivo científico da psicanálise é alcançado na medida em que ela consegue amortecer os efeitos danosos de disposições e tendências da criança que problematizam a adequação humana à marcha da vida em sociedade. Por este caminho, a análise começa a agir quando tais disposições já encontram o intrincado mundo dos sintomas. Mas há uma outra direção psíquica para as disposições, quando elas levam ao que chama de “perversões diretas do caráter” (FREUD, 1991a, p. 449), quase integralmente inacessíveis à influência clínica, bem como ao influxo pedagógico. Em conformidade com as duas possibilidades, ele assinala que a educação torna-se uma profilaxia que tenta evitar tanto o estabelecimento de sintomas, quanto a má-formação do caráter. Para a atividade psicanalítica, diferentemente, tenta-se anular a mais frágil das duas saídas, iniciando “uma espécie de reeducação” (*Ibidem*).

Apoiado nesses dois direcionamentos, Freud dissipa as distâncias possíveis da psicanálise com a educação, dirigindo seu olhar para os fins educacionais. Como assinala, esta aproximação seria vantajosa, pois se de um lado, “o educador, com seu conhecimento das

disposições humanas gerais da infância, está preparado para adivinhar quais das tendências infantis ameaçam levar a um resultado inconveniente”, a psicanálise exerce influência sobre tais tendências comportamentais e pode ser a elas aplicada “antes que se manifestem os sinais de um desenvolvimento desfavorável” (*Ibidem*). Com a ajuda da análise, o educador teria meios suficientes para intervir profilaticamente sobre o ainda saudável mundo infantil. Suporte que se torna ainda mais valioso, na medida em que a psicanálise consegue detectar os primeiros sinais psíquicos capazes de levar a uma neurose ou perversão, oferecendo recursos que poderiam inviabilizar a progressão de patologias futuras na criança.

Mas, se esta proximidade é sugestiva, ela coloca em questão para Freud a ampliação da técnica psicanalítica para além das fronteiras médicas, sob as margens de um dilema: o uso dos princípios analíticos, afinal, se restringe de fato e direito apenas aos médicos? Sua resposta é taxativa e se torna um alerta para os que pretendem ingressar no mundo psicanalítico, quando diz (FREUD: 1991a, p. 450):

O exercício da psicanálise exige muito menos uma instrução médica do que uma formação psicológica e um olhar humano livre; a maioria dos médicos não se acha preparada para a prática da psicanálise e fracassou completamente na apreciação deste procedimento de cura.

Não erramos em concluir que a liberdade mencionada diz respeito à dissolução de pré-conceitos, abrindo acesso à assimilação a mais possivelmente neutra e imparcial de comportamentos e valores psíquicos colocados fora do âmbito do aceitável (e desejável) em termos humanos. Como

se indica pelo texto, o cumprimento desta regra dirige-se diretamente aos que lidam com a juventude. Evocando a este respeito o processo de identificação voltado para a “vida psíquica dos jovens”, Freud (1991a, p. 450) coloca em destaque, mesmo não explicitamente, as turbulentas atitudes juvenis, que resultam do embate das aspirações pessoais com a imposição de ideais familiares e sociais. Ele julga que pela maior ocupação dispensada à juventude, o educador e o pastor se tornem mais aptos do que os médicos a se dedicar ao difícil universo da adolescência. Mas, apesar deste reconhecimento, admite que o educador psicanalizante não poderia prescindir dos conhecimentos psiquiátricos [ou psicanalíticos] mais básicos por transitar também pela anormalidade psíquica, devendo “recorrer ao conselho médico quando a apreciação e o prognóstico do transtorno pareçam duvidosos” (*Ibidem*). O êxito em muitos casos, segundo ainda assinala, torna imprescindível uma real afinidade entre o olhar do educador e a intervenção médico-psicanalítica.

E é na marcha deste estreitamento pedagógico-analítico que Freud consegue distinguir, conforme vimos anteriormente, o peso da responsabilidade profissional do pedagogo e do psicanalista. Esta desigualdade pode ser entendida por diferenças de orientação em suas respectivas ocupações, no caso do educador “um material plástico, acessível a qualquer impressão” (*Ibidem*) – o que se desenvolve sob relações infinitas –, no caso do analista “formações psíquicas já estabelecidas, rígidas” (*Ibidem*) – o que se cristaliza ou se finitiza no mundo psíquico. Em torno do primeiro ponto, entendemos que a educação possa prevenir a transformação patológica de tendências

infantis, na medida em que toma como alvo de sua atividade o que pode ser formado no psiquismo segundo uma progressão infinita de formas, responsabilizando o educador pela não imposição de seus próprios ideais às jovens vidas psíquicas; com respeito ao segundo ponto, vigora o otimismo que a análise consiga corrigir o que foi psicologicamente mal estruturado, pois desobstrui núcleos patológicos rígidos ou finitos, mediante a inserção de novos sentidos às elaborações mentais. Mas, para alcançarem o terreno formal das melhores virtudes humanas, as duas atividades não podem prescindir da prevalência de reações e sublimações sobre as preciosas fontes de energia que se escondem nas piores disposições infantis. Diante destas evidências, não erramos em concluir que Freud admita a persistência de um princípio geral capaz de consolidar os elos da psicanálise com a pedagogia: em poucas palavras, a existência, no psiquismo, de um paralelismo energético-formal ou quantitativo-qualitativo.

### Considerações finais

Transportando a figura de Pfister ao sonoro mundo do “flautista de Hamelin”, Freud mesmo cedeu ao universo musical, assimilando três degraus teóricos ou compassos na leitura que fez da pedagogia. Inicialmente, o que leva a psicanálise a destacar o alto apreço à teoria e prática da educação infantil, bem como à formação educacional, quando ela pondera sobre a adaptação do homem à vida prática, assinalando a este respeito o valor quantitativo ou energético da intensidade das pulsões. Em segundo lugar, o que gira em torno da correção do mau uso dos meios educacionais (e dos efeitos patológicos que esta má utilização provoca), no momento em que os pedagogos considerassem a

importância de disposições perversas e associadas na estruturação do caráter infantil por meio da sublimação. A ação pedagógica poderia servir assim de profilaxia contra o desenvolvimento de neuroses, se englobasse a possibilidade de desviar as pulsões de seus fins originários – sublimá-las – para propósitos elevados ou virtuosos. Com relação a este aspecto, Freud alerta que a educação deva englobar as preciosas fontes de energia contidas nas disposições comportamentais. Em terceiro lugar, finalmente, o que toca no trabalho infinitamente plástico e formador do pedagogo, o qual, por ter que limitar sua atuação a disposições e possibilidades particulares do educando, se torna mais responsável do que o analista, cuja atividade diz respeito à reeducação de estruturas psíquicas, consolidadas ou finitas.

A força insubordinável das pulsões foi um tema que perseverou e se destacou neste percurso, colocando para Freud o maior desafio de uma “psicanálise pedagógica”. Compreendemos seu alcance e sentido pela junção de dois grandes perigos para a ação educacional, considerando que impulsos perversos e associadas devam ser levados em conta pelo analista-pedagogo: a *Scylla* do deixar fazer e a *Charybdis* da proibição. Os dois monstros da mitologia, indicando a Freud possíveis adversidades da navegação perto de rochas e redemoinhos, assinalavam os perigos que os homens enfrentam tanto ao desrespeitarem limites para suas ações, quanto a se sujeitarem passivamente à imposição das proibições. Diante destas possibilidades, um dilema passa a ser dominante: como a educação pode encontrar uma via psíquico-humana em que realize o máximo e prejudique o mínimo, lembrando que há uma parte indomável, energética e pulsional na psiquê?

Conforme vimos, isto levava Freud a formular uma dimensão psicológico-educacional em que se atribui “uma correta medida de amor”, conservando, no entanto, “uma parte de autoridade eficaz”, ao lado de um paralelismo energético-formal.

E foi justamente com o prefácio ao texto de Pfister que esta correspondência, pensada sob a convergência entre a educação e a análise psicanalítica, tornou-se acabada. Torna-se claro que a educação, aos olhos da psicanálise, tenha que coexistir sempre com fontes de energia no psiquismo que comandam tendências ou disposições perversas e associadas. Estas não podem ser desprezadas. Mas, quando são aproveitadas e sublimadas, elas nos ensinam, em síntese, que o **processo de formação humana** que serve de base para a educação, só possa existir na medida em que ele é pensado em torno da **capacidade de intervenção** própria de uma psicanálise. Atento a esta confluência, Freud (1991a, p. 450) acolhe o livro de Pfister como uma autêntica semente de onde frutos valiosos seriam colhidos pelas gerações vindouras, sob o sopro de um novo ar teórico que se insufla no ardor de um presságio:

Desejamos que a aplicação da psicanálise ao serviço da educação cumpra, em breve, as esperanças que educadores e médicos possam vincular à nossa investigação. Um livro, como o de Pfister, pretendendo levar a análise ao conhecimento dos educadores, pode contar, então, com a gratidão das gerações vindouras.

## Referências

FREUD, S.; PFISTER, O. **Briefe** 1909-1939. Hamburg: S.Fischer Verlag, 1980. Zweite Auflage.

SIGMUND, Freud. Das Interesse an der Psychoanalyse (1913). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1996. Neunte Auflage. Band VIII. Seiten 389-420.

\_\_\_\_\_. Die psychanalytische Methode, eine erfahrungswissenschaftlichsystematische Darstellung von Dr. OSKAR PFISTER, Pfarrer und Seminarlehrer in Zürich (Pädagogium, herausgegeben von Prof. Dr. Oskar Messmer, Band I). Julius Klinkhardt Verlag, Leipzig (1913). Unveränderter Neudruck 1921, dritte, umgearbeitete Auflage 1942. In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Achte Auflage. Band X. Seiten: 448-450.

\_\_\_\_\_. Zur Geschichte der psychoanalytischen Bewegung (1914). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag, 1991. Achte Auflage. Band X. Seiten 43-114.

\_\_\_\_\_. Selbstdarstellung (1925). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Siebente Auflage. Band XIV. Seiten 31-96.

\_\_\_\_\_. Geleitwort zu Verwahrloste Jugend, Die Psychoanalyse in der Fürsorgeerziehung, Zehn Vorträge zur ersten Einführung von August Aichorn (Internationale Psychoanalytische Bibliothek, Nr. XIX) (1925). Internationaler Psychoanalytischer Verlag, Leipzig-Wien-Zürich (1925). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Band XIV. Siebente Auflage. Seiten 565-567.

\_\_\_\_\_. Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse (1933). In: ---. **Gesammelte Werke**. Frankfurt am Main: S.Fischer Verlag, 1991. Siebente Auflage. Band XV. Seiten 5-208.

SKLAR, Sergio. A Pedagogia Freudiana? In: **Revista Espaço Acadêmico**, nº 112, Setembro/2010. pp. 99-107. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EsacoAcademico/article/view/11008/5974>>

\_\_\_\_\_. A Pedagogia Freudiana. In: (org. e autor). **Freud: o interesse científico de uma filosofia inquieta**. Rio de Janeiro: Revinter, 1992.